

LÍNGUA, CULTURA E TRADUÇÃO: INTERLOCUÇÕES COM A REALIDADE AMAZÔNICA

Silvia Benchimol Barros¹
Tabita Fernandes²

RESUMO

Este artigo tem como cenário original o conjunto de falas proferidas no III Seminário Internacional Linguagens, Saberes e Sociobiodiversidade da Amazônia – o III SILSSA, em painel da linha de pesquisa Língua Cultura e Tradução. O tema geral do evento *Linguagens e Saberes que potencializam existências e resistências nas Amazônias* é o espaço onde se inserem estas falas. O objetivo do painel composto pelos professores Silvia Benchimol, Tabita Fernandes e Walter Carlos Costa foi socializar com os docentes, mestrandos e público-alvo geral do evento, elementos norteadores da referida linha, os quais constituem os eixos: *Línguas minoritárias, Léxico e cultura na Amazônia; Texto, Discurso e Práticas socioculturais; Tradução, Terminologia e Interculturalidade* e, em sequência, trazer à reflexão resultados de trabalhos e publicações que revelam, por meio da atividade de tradução, o mosaico formante da Amazônia e as suas representações em obras estrangeiras de viajantes do século XIX, por meio das quais, detectam-se sinais discriminatórios, julgamentos valorativos em relação a elementos da cultura, modos vivendi e fenotípicos dos habitantes originários das terras amazônicas. Resultam dessas interlocuções, problematizações que tomam em consideração o contexto sócio histórico da produção original em língua inglesa, o olhar estrangeiro sobre a cultura desconhecida e o olhar do tradutor local.

Palavras-chave: III Silssa. Língua. Cultura e Tradução na Amazônia. Interdisciplinaridade. olhar estrangeiro.

LANGUAGE, CULTURE AND TRANSLATION: INTERLOCUTIONS WITH THE AMAZONIAN REALITY

ABSTRACT

This article has as its original environment, the set of speeches delivered at the III International Seminar on Languages, Knowledge and Sociobiodiversity of the Amazon – the III SILSSA in the panel of the Research Line: Language, Culture and Translation. The general theme of the event *Languages and Knowledges that enhance existences and resistances in the Amazon* is the ambience where these speeches are inserted. The purpose of the panel composed by professors Silvia Benchimol, Tabita Fernandes and Walter Carlos Costa was to socialize with professors, master's students and the general target audience of the event, guiding elements of the referred research line, which constitute the axes: Minority languages, Lexicon and culture in the Amazon; Text, Discourse and Sociocultural Practices; Translation, Terminology and Interculturality and, in sequence, bring into reflection the results of works and publications that reveal, by means of the translation activity, the mosaic that constitutes the Amazon and its representations in foreign works produced by travelers from the XIX century, where discriminatory signs are detected in relation to elements of the culture, ways of life and phenotypics of the original inhabitants of the Amazonian lands in the 1800s. As a result of these interlocutions,

¹ Doutora na área de Tradução e Terminologia pelas Universidades de Aveiro (UA) e Nova de Lisboa (UNL) - Portugal, Mestre em Letras pela UFPA, graduada em Pedagogia e Licenciada Plena em Letras Inglês. Professora efetiva - adjunto da Universidade Federal do Pará. Possui especializações nas áreas de Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Inglesa pela UFPA. E-mail: sbenchimol@ufpa.br

² Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília. Atualmente é servidor público da Universidade Federal do Pará. Atuou como coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, nos anos de 2015 a 2017, com sede de atuação no Campus de Bragança da Universidade Federal do Pará. E-mail: tabitafsl@hotmail.com

problematizations emerge taking into account the socio-historical context of the original production in English, the foreign perspective on the unknown culture and the translator's view.

Keywords: III Silssa; Language, Culture and Translation in the Amazon; Interdisciplinarity; foreigner's view.

Data de submissão: 10.08.2024

Data de aprovação: 20.11.2024

1 A Linha língua, cultura e tradução na Amazônia e sua contribuição ao programa Linguagens e Saberes na Amazônia

A área de concentração única [do Programa de Pós-graduação PPLSA], Linguagens e Saberes, visa à análise das experiências relacionadas aos repertórios dos saberes, das linguagens e culturas, como realizações de práticas sociais, encampa os âmbitos e dimensões de suas representações e a socialização dos conhecimentos produzidos. Nesses processos, são observadas as interações dos sujeitos com e sobre o meio na Amazônia. Para alcançar tais propósitos, é imperativo superar os limites do conhecimento disciplinar para uma discussão interdisciplinar teórico-prática, necessária para se compreender e buscar soluções para os fenômenos sociais manifestados na sociedade capitalista.³

É por meio dessa descrição que se apresenta o Programa de Pós-Graduação PPLSA ao justificar sua área de concentração e seu atrelamento à área interdisciplinar da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

A partir dessa concepção e da substância medular em que se ampara o programa – as Linguagens e Saberes –, é que uma linha de pesquisa centrada na abordagem dessas linguagens e suas formas se faz necessária para dar espaço às investigações que tem a própria língua-linguagem como objeto central. A transversalidade das linguagens em um programa de natureza interdisciplinar é fato incontestável. A mediação da própria investigação rende-se a ela e, a materialidade dos textos que constroem o acervo científico do programa, encontra-se nela inscrita. Não está em pauta, a indiscutível presença da linguagem em qualquer das linhas. O (re)surgimento dessa linha de pesquisa, contudo, ampara-se na necessidade de descortinar novo corpo de estudos que advém das ciências da linguagem e que tem como cerne a sua essência – as letras.

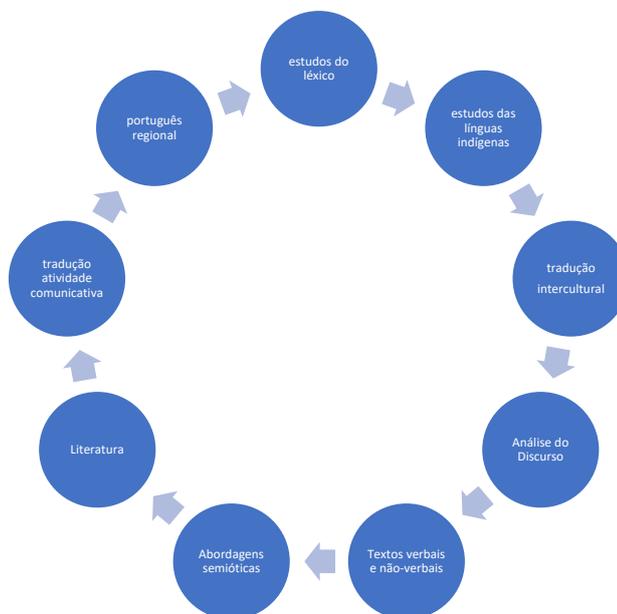
O grupo de pesquisadores que compõem a linha Língua, Cultura e Tradução na Amazônia destaca elementos descritores que apontam para a sua inserção e estreita aderência à área de concentração do programa, realçando o fato de suas temáticas travarem, permanentemente, o diálogo crítico entre o local e o global, extrapolando a noção de circunscrição geográfica proposta no segmento “na Amazônia” e expandindo-a para os domínios universais com os quais a Amazônia trava relevantes interlocuções e em cujo cenário se impõe com imponência. A preservação desses laços que valorizam a riqueza e a diversidade dos estudos locais em projeção para cenários mais amplos corroboram a visibilidade dos saberes tradicionais e ciência produzidos na região com ênfase no campo da linguagem. Assim, a linha Língua, Cultura e Tradução na Amazônia se consolida desde 2021, centrada em eixos e temáticas ilustrados na Figura 1, e que perpassam por:

- estudos do léxico em sua relação com a cultura amazônica;
- estudos das línguas indígenas e do português regional em suas diversas realizações;
- tradução como atividade comunicativa e intercultural em interface com os estudos culturais e com as artes;

3 <https://pplsaprosp.ufpa.br/index.php/br/programa/areas-de-concentracao-e-linhas-de-pesquisa>

- questões identitárias, éticas e ideológicas presentes nos textos/discursos comunicação social, educação e política linguística,
- Textos verbais, não-verbais e/ou sincréticos
- Abordagens semióticas

Figura 1: Temas e elementos imbricados nos eixos da linha Língua, Cultura e Tradução na Amazônia



Fonte: criado pelas autoras

2 Interdisciplinaridade, transversalidade e diálogos entre linhas

De acordo com a CAPES,

A interdisciplinaridade se caracteriza como espaço privilegiado para as ações da Capes em relação ao sistema nacional de pós-graduação, em virtude de sua natureza transversal, para avançar além das fronteiras disciplinares, articulando, transpondo e gerando conceitos, teorias e métodos, ultrapassando os limites do conhecimento disciplinar e dele se distinguindo, por estabelecer pontes entre diferentes níveis de realidade, lógicas e formas de produção do conhecimento. Portanto, é fundamental o diálogo da Área Interdisciplinar com as demais áreas, induzindo e fortalecendo as interconexões no próprio interior da Área Inter.⁴

A linha de pesquisa Língua, Cultura e Tradução na Amazônia (LTC) busca dialogar internamente, a partir da conexão entre os eixos que lhe são constitutivos. Direcionada para a investigação de fenômenos que partem do espaço amazônico e se expandem para outras realidades e contextos, a LTC tem na língua/linguagem o seu ponto de convergência. Assim, por meio de seus diferentes eixos, os estudos promovidos por meio de seus projetos vinculados e atividades de pesquisa, ensino e extensão, nessa linha de pesquisa, têm feito dialogar as *manifestações linguísticas*, sobretudo as lexicais, relacionadas às situações de *contato* estabelecidas na região amazônica, o que, necessariamente, convoca os estudos da *tradução*, os quais sustentam-se no diálogo com as questões *culturais*.

4 <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/INTERDISCIPLINAR.pdf>

Os estudos que relacionam língua, cultura e tradução são provocados pelas vivências dos sujeitos que habitam a Amazônia a partir das narrativas próprias desses sujeitos, ou das narrativas de outros que migraram com suas línguas, histórias e culturas. Debruçar-se sobre as línguas/linguagens das narrativas permite um diálogo com a Linha do Programa Narrativas e imagens na Amazônia. Da mesma sorte, consubstancia-se o diálogo com a linha de Sociodiversidade e Saúde na Amazônia, pois quaisquer questões de saúde envolvem uma linguagem oficial e uma linguagem popular, envolve encontro entre sujeitos com formações diferentes com experiências culturais distintas que interagem e, necessitam, frequentemente, traduzir-se e serem traduzidos. As trocas de experiências impelidas pelos contatos passam, necessariamente, pelas línguas/linguagens medidoras desses sujeitos.

3 O SILSSA E O PAINEL DAS LINGUAGENS

3.1 OS TERRITÓRIOS DA LINGUAGEM

O painel das linguagens é introduzido com a proposição de refletir sobre língua e as linguagens como territórios de poder, de resiliência, de identidade. A língua é, exemplarmente, esse espaço de revelação, de expressão, mas é também lugar do obscurantismo e da opressão. A língua é espaço de manipulação, de dominação e de fortalecimento de posturas colonialistas tanto quanto de libertação e de visibilidade. É por meio das línguas e linguagens, que são vivenciadas, acessadas, narradas as culturas dos povos e é por sua mediação, que se consolidam seus territórios, suas territorialidades. Seja nos discursos permeados de ideologia, seja pela literatura que nos “transmove” no tempo, no espaço e nas dimensões mais abstratas, seja nos contatos linguísticos, nos movimentos estéticos da poesia, nas variações linguísticas das comunidades tradicionais, nos registros etnoterminológicos, seja nas diferentes cosmovisões das línguas indígenas, a língua nos constitui e nos resgata; traz-nos a consciência “do que” e “de quem” somos e de nosso pertencimento ao nosso lugar. As linguagens, em perspectiva mais alargada, nos revelam pelo movimento, pelo som, pelas imagens, pelos signos.

A tradução, como atividade de linguagem, é inerente à própria natureza humana, que, ao recorrer à competência de cognição, interpreta o signo como por instinto, e o reproduz, recria nessa ou naquela língua ou linguagem, seja para sua simples introjeção ou para interação. Na mesma língua, entre diferentes línguas ou entre diferentes signos a tradução conduz, aproxima, dissemina, faz dialogar com os conhecimentos produzidos nos diversos cantos do planeta, faz conversar as culturas dos distintos povos, faz interagir as diferenças, os diferentes e seus mundos, seus contextos de cultura e de situação. É com essa percepção, que são pensados “os territórios de linguagem”, seus espaços de expressão no Seminário Internacional Linguagens Saberes e Sociobiodiversidade na Amazônia.

3.2 A LINGUAGEM CONDUTORA DO DIÁLOGO INTERNACIONAL

Outrossim, na empreitada da internacionalização que move nossos tempos, as instituições produtoras de ciência e de cultura, em busca da ruptura de fronteiras, projeta a tradução como condutora da Amazônia e de seus saberes, ao mesmo tempo que exercita a desafiadora função de destacar o local e o global, sem prejuízo do primeiro ou desprezo do segundo. A internacionalização da literatura é movimento fulcral para o fomento da representatividade de nossos autores e para o transporte de nossos textos, vivências, histórias e temas para uma dimensão transfronteira. Nesse âmbito, os arcabouços dos Estudos de Recepção (Iser, 2000; Jauss, 2002); o Modelo dos Polissistemas (Zohar, 2013) e a concepção de tradução como reescrita de Lefevere (2007) traçam linhas entrelaçadas com os Estudos da Tradução.

Sobre esse movimento e a importância que adquire em tempos mais recentes Celedon e Benchimol-Barros comentam,

Tendo em conta que a tradução como atividade filosófica, hermenêutica, inerente à produção intelectual do ser humano e à tradução de textos literários, em particular, têm histórias de muitos séculos (os romanos estudavam e traduziam os clássicos gregos), curiosamente só no passado século XX, surge preocupação de discutir a tradução e criar tanto uma Teoria quanto uma Crítica da Tradução. (CELEDON, BENCHIMOL-BARROS, 2019, P. 208).

Outro movimento – de essência mais acadêmica – também desponta com vigor na segunda metade do século XX. Comentam os autores que,

A segunda metade do século XX assiste também, em face à necessidade de interlocução das ciências e seus agentes, ao surgimento da tradução de especialidade e suas nuances terminológicas e, ato contínuo, surge o tradutor profissional. A tradução de textos, independente do seu gênero e tipologia, se justifica entre outros aspectos pelo fato de abrir caminhos a outras formas de expressão (em outras línguas, outras culturas, outros lugares e outros tempos históricos), utilizando os recursos de cada língua para articular e confrontar modos de saber e de experiência, permite exercitar a questão da transposição da linguagem formal, técnica, mas também coloquial, das gírias e expressões criadas na fala cotidiana de um grupo de pessoas de um local e uma época específica (sempre presentes em textos literários e igualmente contemplados nos estudos socioterminológicos) e auxiliar no amadurecimento da reflexão teórica acerca de aspectos específicos da tradução (Celedon, Benchimol-Barros, 2019, p 208).

Esse painel convida a penetrar na literatura de viagens ou escritos/relatos de viagens e, por meio deles, compreender o que o tempo e o longínquo obscureceram. Há muito, que registros de viagens recebem especial atenção no meio literário por configurarem fontes de informação para sociólogos, antropólogos e historiadores. É inquestionável o contributo desses registros para os estudos de diversas áreas. Da natureza desses textos e da riqueza plural de seus teores para a ciência, emerge o questionamento sobre serem fontes documentais ou, simplesmente, peças de valor literário. Sem dúvida, como menciona Ritter (2015),

que as viagens e seus relatos são marcados por uma experiência de alteridade, pelo encontro com o “outro”, pela construção de um olhar sobre o “outro”. Além disso, os conceitos de etnocentrismo e identidade são úteis para pensar em como no contato com o “outro” e no julgamento da cultura alheia o viajante constrói a “si mesmo”, pois a identidade é uma categoria relacional (p.1).

Desse encontro com o “outro” e com o “diferente” surgem relatos que mesclam diferentes formas de registros e gêneros discursivos como o diário, a carta, a literatura que se inscreve no tempo, alimenta-se da realidade e a descreve. Fato é que, quem descreve uma realidade imprime sua marca de subjetividade que é fruto da fusão do que é captado pelos olhos com o que o cérebro interpreta e traduz. Fato é, que a tradução tem total correlação com as experiências de quem a produz com o tempo em que ocorre. Isto posto, concluímos que são inevitáveis as representações imagéticas e verbais que se (re)produzem a partir de referências culturais desses viajantes.

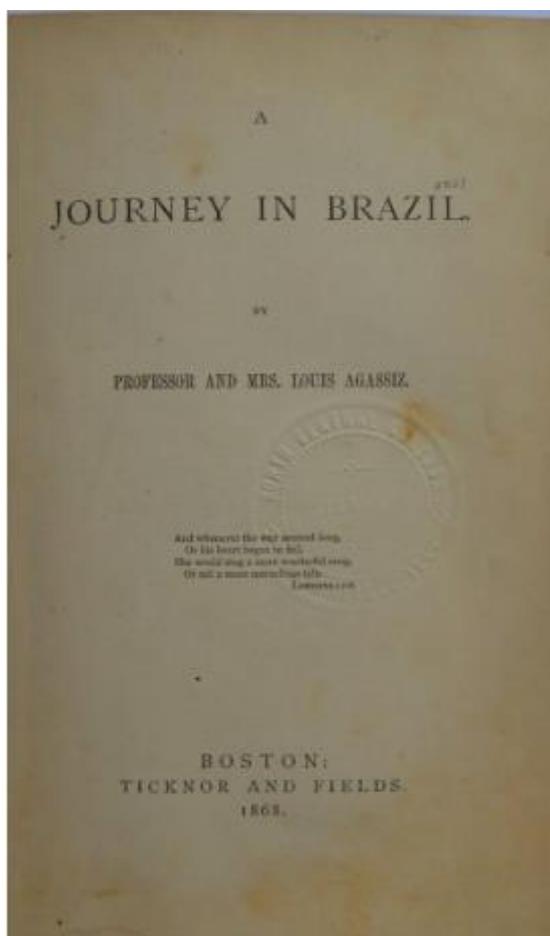
Vistas por outros olhos, em outros tempos, certamente essas reproduções imagológicas resultarão em críticas e apontarão “distorções” ou “descompassos”. Refere o E-dicionário de Termos Literários de Carlos Ceia⁵,

5 <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/imagologia-literaria>

A Imagologia Literária é um ramo dos Estudos Literários e Culturais que tem por objecto o estudo das formulações caracterizadoras de mentalidade e de identidade no texto literário. Oriunda do domínio da Literatura Comparada, a Imagologia Literária começou por atender à representação literária do *outro*, o *estrangeiro*, nas literaturas nacionais. Mais recente, a Imagologia Literária têm alargado o seu âmbito de análise à auto-representação literária da identidade nacional.

A definição de Ceia é aporte para algumas reflexões trazidas ao painel Língua, Cultura e Tradução na Amazônia em que foram evidenciados recortes da obra “A Journey in Brazil” produzida pelo zoólogo suíço Louis Agassiz e sua mulher Elizabeth Agassiz durante a expedição Thayer entre 1865 e 1866 e publicada pela Ticknor & Fields -Trubnor & Co. em 1868. Retratos caricatas e juízos de valor permeiam de modo frequente a obra de 540 páginas.

Figura 2: Folha de rosto da obra Journey in Brazil



Fonte: imagem da folha de rosto feita da obra de propriedade das autoras deste artigo

Sem prejuízo dos inúmeros trabalhos suscitados pela referida obra onde se incluem a defesa de uma biogeografia estática, de elementos indicativos do racismo (Kury, 2001) – segregação das raças a partir dos estudos de ictiologia – questões de gênero (Santos, 2005; Oliveira, 2021); sociabilidade e trabalho de campo (Antunes, 2016); entre outros, as discussões centraram-se na representação dos indígenas da Amazônia.

As descrições e comentários de Elizabeth Agassiz contemplam a diversidade dos tipos físicos humanos e suas mesclas bem como a diversidade de espécimes da fauna e da flora encontradas na Amazônia. Há na realidade e encontra-se espelhada no texto da obra importante conexão entre os indígenas e a nomeação da fauna e da flora amazônica. Saltam aos olhos o

repertório lexical representativo desses domínios na obra. Importa recordar que, quando os colonizadores chegaram ao Brasil, a exuberância e diversidade das espécies naturais da Amazônia brasileira já estavam nomeadas nas línguas indígenas dos povos que a habitavam. O desconhecimento, tanto das espécies da Amazônia brasileira quanto das línguas que nomeavam tal realidade, não raro gerou o surgimento de palavras e expressões moldadas à língua do colonizador.

A progressão dos contatos entre povos distintos gerou um acervo lexical que têm sido importante indicador das relações entre os povos no espaço amazônico. Ainda hoje, mesmo após séculos de espólio e destruição dos povos originários e de suas línguas e culturas, na fauna e na flora amazônicas ainda resistem nomeações com a presença de elementos das línguas indígenas. O mesmo se pode dizer do léxico toponímico da região em que se pode, ainda, confirmar a presença de elementos das línguas indígenas, sobretudo os de base tupí. O texto de Agassiz é um convite ao estudo desse léxico.

Assim, estudar o léxico do português falado na Amazônia tem singular importância para a linha de Língua, Cultura e Tradução na Amazônia, principalmente, por se constituir como um lugar onde os indícios das relações étnicas estabelecidas na região ficaram salvaguardados e pelo quanto esse léxico revela sobre as identidades do homem amazônida.

Excusa dizer que o léxico que representa e diz a realidade amazônica é diverso tanto quanto diversos são os povos, as culturas e as línguas que a constituem. A constatação dessa diversidade e singularidade suscita a pergunta de quase sempre: como dar a conhecer, ao mundo, tal diversidade e singularidade? O texto de Elizabeth Agassiz constitui-se como uma dessas tentativas cujas estratégias adotadas são um importante material de reflexão no campo da tradução linguística e culturalmente falando.

4 Considerações Finais

O Painel Língua, Cultura e Tradução na Amazônia, inserido na temática maior do Evento III Silssa: “Linguagens e Saberes que potencializam existências e resistências nas Amazônias” teve como objetivo socializar o perfil das pesquisas desenvolvidas no âmbito da linha, ressaltando a fundamentação interdisciplinar que rege os movimentos de investigação e produção científica dos docentes a ela vinculados. Neste intento, foram apresentados os eixos, consubstanciados nos GTs 7 e 8, respectivamente: Línguas indígenas, Lexico e Cultura na Amazônia e Português regional e; Línguas em contato na Amazônia Oriental, Tradução, Terminologia e Interculturalidade.

Na sequência, o painel trouxe à reflexão resultados de trabalhos e publicações que, por meio da tradução, interlinguística e cultural, configuram o mosaico formante da Amazônia, tecendo considerações sobre as representações de nossos povos, nossa vegetação e nossa rica composição hidrográfica. Os aspectos xxx

Referências

AGASSIZ, Elizabeth Cary e Louis. **A Journey in Brasil. Boston: Fields & Osgood, 1867**

ANTUNES, A. P. Sociabilidade e Trabalho de Campo: Apontamentos sobre a viagem de Louis Agassiz ao Brasil (1865 - 1866). **Boletim Eletrônico da Sociedade Brasileira de História da Ciência**, v. 9, p. 1, 2016. Disponível em https://www.sbhc.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=942. Acesso em 25 de junho de 2023.

CELEDON, Esteban Reyes; BENCHIMOL-BARROS, Silvia Helena (2019). Estudos da tradução: literária e especialidades: a título de prolegômenos. In: Juciane Cvalheiro;

Carlos Roberto Ludwig; Elder José Lanes (Org.), Ling(uagem). **Ensino e Formação Docente**. Manaus: UEA, v. 01, p. 207-224

EVEN-ZOHAR, Itamar. 1990 [1978]. **The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem**. Polysystem Studies, Poetics Today 11.1: 45-51.

ISER. Wolfgan. **The Range of Interpretation**. New York: Columbia University Press, 2000. Disponível em <https://francais.cuso.ch/fileadmin/francais/iser-the-range-of-interpretation.pdf>. Acesso em 4 de março de 2023.

JAUSS, Hans Robert. et al. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Tradução e Organização de Luiz Costa Lima. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz E Terra S/a, 2002.

KURY, Lorelai, A sereia amazônica dos Agassiz: zoologia e racismo na Viagem ao Brasil. In: **Revista Brasileira de História**. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/gLSbT884tq5WjQsYrmTBszP>. Acesso em 25 de junho de 2023.

LEFEVER, Andre. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Tradução de Claudia Matos Seligmann. Bauru: Edusc, 2007, 264 p.

SCHEMES, Elisa Freitas. A literatura de viagem como gênero literário e como fonte de pesquisa. In: XVIII Simpósio Nacional de História, 2015, Florianópolis. **Anais Eletrônicos do XVIII Simpósio Nacional de História**, 2015. Disponível em http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439245917_ARQUIVO_2.ARTIGOANP_UH2015Elisa-Final.pdf . Acesso em 24 de junho de 2023.

OLIVEIRA, N. F. DE. HISTÓRIA NATURAL E ESCRITA DE VIAGEM: A VOZ DE ELIZABETH CABOT CARY AGASSIZ. **Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 36, n. 1, p. 93-108, 20 nov. 2021.

SANTOS, Fabiane V. Brincos de ouro, saias de chita: mulher e civilização na Amazônia segundo Elizabeth Agassiz em Viagem ao Brasil. In: **História, Ciência, Saúde - Manguinhos** R.J. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/pTBkgzDr9tvD3fZR5y96QLg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 22 de julho.